

## REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM CONTEÚDOS DE REPRODUÇÃO HUMANA E SISTEMA GENITAL: ANÁLISE DE LIVROS DE CIÊNCIAS DO PNLD 2020 E 2024

Edinando Neto Gonçalves<sup>1</sup>

Elaine de Jesus Souza<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Os versos de Bia Ferreira e Doralyce — “Existe muita coisa que não te disseram na escola”, da música *Cota Não é Esmola* <sup>3</sup>— abrem margem para que possamos refletir sobre uma infinidade de coisas que não nos contaram na escola. E o que nos contaram? Será que era tudo verdade? Quem nos contou, e como foi contado? Os livros contam histórias sobre tudo, ou quase tudo. Eles não mentem, mas omitem. É nesse descompasso que o gênero se (des)faz em cada página, nas palavras, imagens, cores, formas...

A escola é marcada por discursos e relações de poder-saber que estabelecem desigualdades sociais e, gênero constitui uma das dimensões que reflete os efeitos dessas regulações, sendo atravessado por normas que, muitas vezes, limitam as possibilidades de existência em espaços socioeducacionais (Louro, 2007). Ao observarmos os livros didáticos de Ciências, é possível identificar como as representações de gênero e sexualidade são construídas e reforçadas por meio das linguagens, imagens e conteúdos que refletem valores culturais hegemônicos (Bandeira; Velozo, 2019).

As construções de gênero presentes nesses materiais não são neutras: o fato de uma pessoa ser socialmente reconhecida como homem ou mulher impacta diretamente a forma como percebe o mundo e é percebida por ele. Essas distinções evidenciam relações de poder desiguais e, em recortes históricos específicos, definem o que é entendido como feminino ou masculino em diferentes culturas (Louro, 1995; 1997).

Quando Bia Ferreira utiliza sua voz na música *Não Precisa Ser Amélia* <sup>4</sup> para afirmar que “não se nasce feminina, torna-se mulher”, precisamos compreender como é possível tornar-

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe - UFS, [edinandogoncalves@gmail.com](mailto:edinandogoncalves@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Permanente do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe - PPGECIMA/UFS e Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri/UFCA, [elaine.souza@ufca.edu.br](mailto:elaine.souza@ufca.edu.br);

<sup>3</sup> FERREIRA, Bia. Doralyce. *Cota Não é Esmola*. [S.l.]: Colmeia 22, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2tZjLmkezixxTLxJB8eFIT?si=cb532bcb2bda47a8>. Acesso em: 8 jun. 2025.

<sup>4</sup> FERREIRA, Bia. *Não Precisa Ser Amélia*. [S.l.]: Colmeia 22, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6FDZdbHaAHY6a1JvOg7Fbo?si=e1f910083b764d8f>. Acesso em: 8 jun. 2025.

se mulher a partir de um recurso com roteiro delimitado, onde o corpo possui (cis)temas pré-definidos histórica e socioculturalmente. Nesse sentido, analisar as representações de gênero nos livros didáticos de Ciências torna-se uma estratégia fundamental para refletirmos criticamente sobre sistemas sexuais feminino e masculino. As representações ultrapassam o binarismo, afetando também sujeitos LGBTI+, cujas existências muitas vezes são apagadas ou estigmatizadas nesses materiais (Duarte *et al.*, 2023).

Cabe destacar que sexualidade e gênero são conceitos distintos, apesar de ambos serem construídos histórica e socioculturalmente. A sexualidade consiste em uma dimensão humana que ultrapassa os limites biológicos e é construída ao longo da vida a partir de múltiplas experiências, identidades/diferenças e modos como nos relacionamos com outras pessoas. O conceito de gênero abrange a construção subjetiva, identitária e sociocultural de nossas masculinidades e feminilidades (Souza; Maknamara, 2024).

Os conteúdos do 8º ano que tratam da reprodução humana e do sistema genital mantêm estreita relação com as representações de gênero e sexualidade. Diante do que foi exposto, surgem questionamentos como: *Que discursos sobre gênero e sexualidade são (re)produzidos nesses livros didáticos de Ciências do oitavo ano, especificamente nos conteúdos de reprodução humana e sistema genital?*

Este trabalho surgiu a partir da minha experiência como professor de Ciências nos anos finais do ensino fundamental, das leituras sobre gênero no ambiente escolar, e do aprofundamento sobre o livro didático no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMA), da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

O objetivo do presente trabalho foi analisar as representações de gênero e sexualidade nos conteúdos sobre sistema genital e reprodução humana em livros didáticos de Ciências do 8º ano aprovados no PNLD 2020 e no PNLD 2024.

## METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, com foco na análise de livros didáticos do ensino fundamental. As obras escolhidas foram: Companhia das Ciências (Saraiva) e SuperAÇÃO (Moderna). Seguindo Gil (2022), foi utilizada uma abordagem qualitativa para permitir a compreensão contextualizada das representações de gênero no ensino de Ciências, considerando aspectos culturais, sociais e simbólicos. O critério

de escolha das coleções baseou-se no fato de terem sido adotadas na cidade de Lagarto/SE durante os dois últimos PNLDs, 2020 e 2024, onde atuei como professor de Ciências.

### Análise do material empírico

A análise seguiu a perspectiva da análise cultural, inspirada nos Estudos Culturais, para problematizar discursos nos livros didáticos como produtores de múltiplos sentidos sobre corpo, gênero e sexualidade. Nessa abordagem, os materiais didáticos não apenas informam, mas também constroem normas e identidades, podendo reforçar ou questionar representações culturais dominantes (Louro, 1997; Hall, 2006). Para orientar a análise, foram elaboradas seis categorias: Representação dos Corpos, Linguagem Utilizada, Modelos de Gênero e Papel Social, Configuração da Reprodução, Diversidade de Gênero e Sexualidade e Representações Visuais.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para seguirmos a problematização dos principais enunciados ditos (ou não ditos) nos livros didáticos de Ciências sobre reprodução humana e sistemas sexuais, realizamos uma delimitação das categorias de análise que permitiu agrupar os resultados conforme apresentado no quadro a seguir.

Quadro 1- Representações de Gênero nos Livros PNLD 2020 e 2024

<b>Categoria</b>	<b>Companhia das Ciências (Saraiva)</b>	<b>SuperAÇÃO (Moderna)</b>
1. Representação dos Corpos	Há diversidade étnica (pessoas pretas, pardas, asiáticas, PCDs). Profissões marcadas por gênero e raça (mulher negra engenheira, homem branco médico). Casal interétnico é representado. Porém, os corpos anatômicos seguem padrão branco, binário e cisgênero. Exceção: homem branco com mamas para ilustrar disfunção hormonal.	A maioria dos corpos são brancos, cisgêneros e normativos. Há presença pontual de pessoas negras, pardas, asiáticas e uma pessoa com deficiência. Os corpos anatômicos (com genitais) são todos brancos e binários. Famílias e profissionais aparecem com diversidade racial (médica branca e, enfermeira negra), mas a hegemonia visual permanece branca e cis.
2. Linguagem Utilizada	Utilização predominante de termos binários como “homem/mulher” e “feminino/masculino” ao longo do conteúdo. No tópico sobre IST, há uso recorrente de linguagem mais neutra, com termos como “indivíduo”, “pessoa” e “jovens”, sem marcação explícita de gênero.	Utiliza termos como “sexo biológico”, “indivíduos do sexo masculino/feminino”, “corpo feminino/masculino” “pessoa”. Recorre a “adolescente” de forma neutra, mas usa pronomes e expressões binárias repetidamente (ex.: “o médico”).

3. Modelos de Gênero e Papel Social	A pessoa graduada em medicina é representada pelo homem (o médico), já a figura feminina que desempenha a mesma função é descrita como “enfermeira obstetra”. Ao abordar contracepção, o diálogo do casal é valorizado, mas a responsabilidade final é atribuída à mulher. Ela também é apontada como principal responsável pela gestação, embora o envolvimento masculino seja considerado “importante”. Há discussões sobre desigualdade salarial, sobrecarga feminina e o direito das mulheres a exercer funções ditas masculinas.	A mulher aparece como protagonista em exemplo de luta por direitos (Malala), mas o médico (homem) é descrito como responsável por acompanhar a gestação. A escolha de métodos contraceptivos é atribuída ao casal, com foco na responsabilidade compartilhada na maternidade e paternidade. Ênfase sobre a função reprodutiva da mulher.
4. Configuração da Reprodução	A reprodução é majoritariamente apresentada como característica de relações heterossexuais. Há, contudo, menção à inseminação artificial voltada a homens ou mulheres cis inférteis, além do reconhecimento de uniões homoafetivas que recorrem a essa técnica reprodutiva.	A reprodução é apresentada com base na binaridade, associados ao sexo biológico (“masculino” e “feminino”). Os sistemas genitais são descritos separadamente, com foco na reprodução.
5. Diversidade de Gênero e Sexualidade	O material menciona que o HIV/AIDS foi registrado primeiramente entre homens gays, mas destaca que a infecção pode atingir qualquer pessoa. Aborda identidade de gênero (nome social, banheiros), diversidade sexual, respeito à pluralidade e rejeição de padrões normativos. Define orientação sexual (hetero, homo e bissexual) e relaciona discriminação à evasão escolar.	Apresenta a sexualidade como construção social e cultural, além dos aspectos biológicos (como cromossomos). Valoriza o respeito às diferentes manifestações da sexualidade, mas não menciona identidade de gênero e nem orientação sexual.
6. Representações Visuais	As mulheres são retratadas com roupas de cores variadas, enquanto os homens aparecem com tons neutros ou considerados masculinos, como o laranja. Métodos contraceptivos são diferenciados por cor: “tabelinha” em lilás, camisinha feminina em roxo e masculina em preto. Gráficos utilizam lilás para representar mulheres e azul para homens, reforçando uma codificação de gênero visual.	As mulheres são retratadas com roupas em uma diversidade de cores, incluindo tons suaves como rosa e lilás, além de verde e laranja. Em contraste, os homens aparecem predominantemente com roupas em cores neutras ou consideradas tradicionalmente masculinas, como azul, verde, bege, vermelho e preto. A caderneta de saúde feminina é ilustrada com predominância das cores verde e lilás.

Fonte: Elaboração do autor

A análise dos livros do PNLD 2020 e 2024 revelou que, apesar de avanços pontuais, predominam representações normativas de gênero e sexualidade. Ambos os materiais incluem alguma diversidade racial e pessoas com deficiência, mas os corpos anatómicos seguem brancos, binários e cisgêneros, sem representação de identidades trans ou intersexo. A linguagem continua marcada por termos binários, com uso ocasional de expressões neutras. Cabe ressaltar a forte presença de termos que: “Ao ser atribuída uma linguagem no masculino, ela institui a posição homem produtor do conhecimento, da ciência”. (Ferreira; Silva; Santos, 2023).

Os “papéis sociais” reforçam estereótipos: mulheres associadas à reprodução e ao cuidado, homens em posições de autoridade. Essa lógica se ancora em uma visão dicotômica de gênero, baseada em categorias fixas e excludentes, que nega a legitimidade de expressões de gênero dissidentes (Louro, 1997). No tratamento da reprodução, prevalece uma abordagem biológica e heterossexual, com breves menções à inseminação artificial e casais homoafetivos, ainda dentro de uma perspectiva cisheteronormativa.

A diversidade sexual é abordada de forma desigual: Companhia das Ciências inclui referências à identidade de gênero e orientação sexual, enquanto SuperAÇÃO mantém uma abordagem genérica e biologizante. Como destaca Louro (2007), essa concepção naturaliza a sexualidade como algo universal e determinado, apagando sua dimensão cultural e histórica. Nas imagens, os estereótipos são reforçados por códigos visuais, como o uso de cores, que seguem normas tradicionais de gênero e moldam a forma como os corpos são socialmente reconhecidos. Nesse contexto, salientamos que a cultura, além de (res)significar sexualidade e gênero, determina formas de vivenciar e expressar identidades (sexuais e de gênero), práticas e saberes ensinados em distintos espaços socioeducativos.

Percebemos, portanto, a necessidade de investigar como os livros didáticos, enquanto ferramentas formativas, contribuem para a construção de sentidos sobre os corpos, os papéis de gênero e a sexualidade no ambiente escolar. Assim, a persistência de discursos que a reduzem ao binarismo e à heterossexualidade limita o reconhecimento da diversidade e das múltiplas formas de ser, viver e experienciar o corpo na escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos livros evidenciou que, embora haja avanços pontuais, as representações de gênero e sexualidade ainda seguem marcadas por padrões normativos. Corpos brancos, binários e cisgêneros predominam nas ilustrações, e a linguagem utilizada reforça a dicotomia entre masculino e feminino, com pouco espaço para identidades dissidentes. Esse cenário reforça o que aponta Louro (1997; 2007): o que não é dito ou representado também comunica e regula, silenciando experiências que fogem à norma.

Esses materiais não devem apenas transmitir conteúdos, mas também representar a diversidade dos sujeitos que compõem a escola. Os resultados deste trabalho também oferecem subsídios relevantes para pesquisadores e profissionais da educação comprometidos com uma escola mais democrática. Contribuem para reflexões sobre políticas públicas, produção de

materiais didáticos mais inclusivos e processos de formação docente sensíveis às questões de gênero e sexualidade.

Além disso, destaca-se a importância de ampliar esse tipo de análise para outras coleções, editoras e níveis de ensino, como o médio, considerando a continuidade e profundidade com que os temas são (ou não são) abordados.

**Palavras-Chave:** Gênero, sexualidade, livro didático, ensino de ciências.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Andreia; VELOZO, Emerson Luís. Livro didático como artefato cultural: possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no Ensino de Ciências. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 25, p. 1019-1033, 2019.

DUARTE, Marcos Felipe Silva *et al.* INVESTIGANDO O TEMA GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS. **PESQUISA EM FOCO**, v. 28, n. 1, 2023.

FERREIRA, Alessandra Pavolin Pissolati; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; SANTOS, Claudiene. O Que Ensinam Livros Didáticos de Biologia Sobre Mulheres Brasileiras da Ciência?. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 32, n. 72, p. 148-169, 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.101-132, jul./dez. 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 46, p. 201- 218, 2007.

SOUZA, Elaine de Jesus; MAKNAMARA, Marlécio. **Biologias para questionar: saberes e ensinar vidas**. João Pessoa: Ideia, 2024.